

ALÁ ENTRE NÓS

O PASSADO E O PRESENTE DOS MUÇULMANOS DAS AMÉRICAS

CHITWOOD, Ken. *The Muslims of Latin America and the Caribbean*. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 2021. 285 p.

Num evento sobre os 190 anos da Revolta dos Malês realizado em Salvador em abril de 2025, o historiador João José Reis gerou certa comoção ao anunciar que “a presença malê mais importante hoje na Bahia” estava ali no auditório da Biblioteca Pública do Estado. Tratava-se do líder da comunidade muçulmana local, o nigeriano iorubá sheik Ahmad, que desde 1992 lidera o Centro Cultural Islâmico da Bahia e promove a memória histórica da comunidade malê (afro-muçulmana).¹

O contraste entre a força evocativa do anúncio de João Reis e a surpresa dos presentes é simbólico. Apesar da sua importância histórica e cultural, os muçulmanos são amiúde excluídos ou

têm a sua participação diminuída em narrativas sobre a história do continente americano. Da mesma forma, trabalhos sobre a história global do islã frequentemente excluem a América Latina e o Caribe. Essas são as premissas centrais do livro *The Muslims of Latin America and the Caribbean*,² escrito pelo Dr. Ken Chitwood, teólogo, especialista em estudos islâmicos e pesquisador associado dos centros de pesquisa da religião da Universidade do Sul da Califórnia (EUA) e da Universidade de Bayreuth (Alemanha).

Apesar da volumosa produção acadêmica sobre a experiência histórica de muçulmanos nos Estados Unidos, Chitwood destaca o escasso número

1 Hannah Romã Bellini Sarno, “Iwalewa: Entrevista com o sheikh Abdul Hameed Abu Bakr Ahmad”, *Afro-Ásia*, n. 67 (2023), pp. 530-581, .

2 Publicada em 2021 pela editora Lynne Rienner Publishers, nos Estados Unidos e na Inglaterra, a obra ainda não possui edição em língua portuguesa.

de publicações sobre os crentes da fé islâmica e o islamismo na América Latina e no Caribe – com exceção de capítulos em antologias ou verbetes em enciclopédias (p. 3 e 8). Dessa constatação emergem os dois objetivos centrais do livro: primeiro, integrar à narrativa histórica da América Latina e do Caribe as histórias dos muçulmanos e do islã nos últimos cinco séculos; segundo, trazer à tona a contribuição desses mesmos muçulmanos das Américas para a construção de uma história do islã global (*global Islam*) descentralizada e muito além do Oriente Médio e do Norte da África (p. 4).

Implícito nesses objetivos encontra-se um dos méritos mais significativos da obra produzida por Chitwood: o uso de uma abordagem metodológica transnacional e transcontinental. Na trilha de autores como Aisha Khan, María del Mar Logroño Narbona, Paulo G. Pinto e John Tofik Karam, Chitwood produz uma obra na qual a narrativa histórica, os territórios latino-americanos e caribenhos e o mundo islâmico estão profundamente imbricados (p. 21).³ No caso de

The Muslims of Latin America and the Caribbean, essa abordagem permitiu que o autor formulasse três argumentos interligados, quais sejam: o islã e os muçulmanos não são estrangeiros na América Latina e no Caribe – em que pese o apagamento histórico e a centralidade conferida à Península Árábica e ao Norte da África; apesar do número reduzido, os fiéis islâmicos no continente americano tiveram e têm um papel importante na construção daquilo que se convencionou chamar de islã global; o reconhecimento da importância e pertencimento dos muçulmanos ao continente americano constitui a base para uma nova história do Caribe e da América Latina, uma história que não apenas ilumina o passado, mas reorienta pesquisas sobre o presente

(Eds), *Crescent over another horizon: Islam in Latin America, the Caribbean, and Latino USA* (Austin: University of Texas Press, 2015). As pesquisas de Michael Gomez e Sylviane Diouf também possuem dimensão continental, entretanto ambos focam em suas obras a história e o legado de muçulmanos de origem africana nas Américas. Michael A. Gomez, *Black crescent: the experience and legacy of African Muslims in the Americas*, Cambridge: Cambridge University Press, 2005; Sylviane A. Diouf, *Servants of Allah: African Muslims Enslaved in the Americas*, New York: New York University Press, 2013.

3 Aisha Khan (ed.), *Islam and the Americas*, Gainesville: University Press of Florida, 2017; Logroño Narbona, Maria del Mar, Paulo G. Pinto & John Tofik Karam

e reacende debates sobre identidade, cultura e religião no continente (p. 4)

Embora inclua referências às suas pesquisas etnográficas em países como Porto Rico, Cuba, Brasil e Estados Unidos, o livro não se enquadra na categoria de livros monográficos baseados em fontes primárias. Trata-se de uma obra introdutória com 285 páginas, concebida em 2017, quando o autor lecionava disciplina acadêmica sobre a história, manifestações e representações do islã nas Américas na Universidade da Flórida, nos Estados Unidos. Ao longo do curso, os estudantes reclamaram da falta de um livro que apresentasse o panorama histórico geral da presença muçulmana nas Américas e servisse simultaneamente como introdução ao tema e guia para pesquisas futuras (p. 20). A reclamação foi recebida por Chitwood como um chamado à sistematização do conhecimento no campo de estudos islâmicos sobre a América Latina e o Caribe. Aceito o desafio, o autor produziu um livro ancorado na literatura especializada nos campos da história, ciências da religião, antropologia, sociologia e teoria pós-moderna. Mais do que um compêndio ou manual, trata-se de um

livro instigante que concilia narrativa histórica, reflexão crítica sobre os usos da história do islã e análise das múltiplas expressões do islamismo em comunidades muçulmanas nas Américas e suas conexões globais.

O livro está dividido em três partes. A primeira parte desdobra-se em quatro capítulos e é a mais didática das três, contendo um panorama histórico da presença muçulmana nas Américas entre os séculos XV e XX. O capítulo inicial da parte I (cap. 2) aborda criticamente as alegações da chegada e permanência de muçulmanos na América pré-colombiana, enquanto nos três capítulos subsequentes apresenta-se uma narrativa cronológica centrada em quatro fases cruciais da presença muçulmana no continente americano: a influência cultural, religiosa e linguística moura e mourisca nas colônias espanholas; a escravização de muçulmanos africanos; a exploração da força de trabalho de muçulmanos do Sul e Sudeste Asiático, sobretudo Índia e Indonésia, através do sistema de trabalho sob contrato [*indentured labour*], entre meados do século XIX e primeiras décadas do século XX; e as ondas migratórias de muçulmanos do Oriente Médio,

desde fins do século XIX às últimas décadas do século XX.

No primeiro capítulo da parte I (cap. 2), destaca-se o rigor intelectual de Chitwood ao expor as debilidades dos argumentos de acadêmicos, religiosos e até mesmo de autoridades políticas, como o presidente turco Recep Tayyip Erdoğan, para sustentar que populações muçulmanas já habitavam as Américas antes da expedição de Cristóvão Colombo em 1492. O autor expõe as fragilidades e contradições dos argumentos de base linguística, documental (crônicas e mapas) e antropológica (impacto cultural e religioso dos Mandingas) defendidos por autores como Abdullah Hakim Quick e Youssef Mroueh (pp. 38-39).⁴ Ao mesmo tempo, Chitwood reconhece a importância simbólica dessas narrativas para adeptos da fé islâmica que reivindicam pertencimento às Américas desconectado da experiência colonial europeia, e almejam integração à comunidade muçulmana global (*ummah*) (pp. 45-46). Nesse sentido, entrega mais do que o

prometido. Além de apresentar uma narrativa factual, a primeira parte oferece importante reflexão sobre o papel dos mitos fundacionais para a consolidação do sentimento comunitário entre grupos de muçulmanos na América Latina e no Caribe em seus contextos pós-coloniais.

Nos dois capítulos subsequentes, Chitwood examina o impacto cultural, religioso e político nas Américas de muçulmanos e convertidos (livres e escravizados) oriundos da Espanha e da África. No capítulo 3, o autor argumenta que a herança cultural moura e mourisca nas colônias espanholas do Novo Mundo está diretamente ligada à ascensão e queda do Califado de Córdoba (séculos X-XI) na Península Ibérica. Para além da influência *mudéjar* na arquitetura da Nova Espanha, enfatiza a influência psicológica de muçulmanos (mourous) e ex-muçulmanos convertidos ao cristianismo (mouriscos) sobre os espanhóis cristãos. Para ele, a forma como muçulmanos foram tratados nas Américas durante o período colonial reflete o imaginário espanhol a respeito do islã e dos seus adeptos construído ao longo de séculos de “convivência” na Península Ibérica (p. 54). Chitwood demonstra que

4 Abdullah Hakim Quick, *Deeper roots: Muslims in the Americas and the Caribbean from before Columbus to the present*, New York: DPB Printers and Booksellers, 2007.; Youssef Mroueh, “Precolumbian Muslims in the Americas. Beautiful Islam”, 1996. Disponível em: [\[2\]](#)

o tratamento discriminatório imposto a muçulmanos pelo regime colonial espanhol e os conflitos resultantes têm raízes no processo de construção, por alteridade, da identidade nacional espanhola ainda em território ibérico. Esse fenômeno precedeu a construção, ao longo do período colonial, do estereótipo do “muçulmano rebelde” e “religioso austero” nas Américas (pp. 57-59). Consequentemente, conclui, os muçulmanos transportados na mente temerosa dos conquistadores espanhóis influenciaram a formação do Caribe e da América Latina antes mesmo de aportarem nessas regiões, revelando que a islamofobia no continente americano seria muito mais antiga do que geralmente se reconhece no senso comum.

A *Fiesta de Santiago Apóstol* em Loíza Aldea, Porto Rico, bem como o mito de *Santiago Matamoros* e o festival de *Corpus Christi* no Peru, discutidos no capítulo 3, demonstram claramente como esse imaginário levou à introjeção, via cultura popular, de uma imagem profundamente estereotipada do “muçulmano” nas Américas (p. 64). As *Cavalcadas* no Brasil, em especial aquelas celebradas nos estados de Goiás e Mato Grosso, parecem

corroborar a pertinência da análise de Chitwood também no contexto colonial português na América.

O capítulo 4 discute como muçulmanos africanos escravizados foram capazes de transportar sua religião, cultura e escrita ao Novo Mundo. Ainda que ao término do século XIX o islã não tenha resistido à perseguição religiosa e à imposição do cristianismo, muçulmanos conseguiram manter práticas religiosas trazidas da África e, em alguns casos, reconstruir em solo americano comunidades religiosas e aspirações de emancipação. O autor destaca a posição de liderança exercida por muçulmanos entre escravizados e livres tanto em ações de resistência às condições degradantes que os senhores de escravos lhes impunham quanto a serviço desses mesmos senhores na administração de fazendas (p. 81). Baseando-se nas pesquisas de Sylviane Diouf e Richard Brent Turner,⁵ Chitwood enfatiza a

5 Sylviane A. Diouf, *Servants of Allah: African Muslims Enslaved in the Americas*, New York: New York University Press, 2013; Richard Brent Turner, “African Muslim Slaves and Islam in Antebellum America” in Hammer, Juliane, and Omid Safi, eds., *The Cambridge Companion to American Islam* (Cambridge: Cambridge University Press, 2013), pp. 28-44.

importância do domínio da língua árabe, bem como a vestimenta típica, rituais, nomes e regras alimentares, para que muçulmanos exercessem papel de liderança entre classes sociais em polos opostos da sociedade (*idem*).

Subjacente a essa discussão sobre resistência cultural afro-muçulmana nas Américas há uma questão fundamental: se a primeira geração de afro-muçulmanos estabeleceu bases culturais e comunitárias sólidas, o que aconteceu com o islã praticado por africanos e seus descendentes nas Américas? Tal qual Diouf, Chitwood oferece uma resposta fatalista ao afirmar o desaparecimento do islã oriundo da África Ocidental ao término do século XIX: “Embora seja plausível que algumas práticas islâmicas populares tenham sobrevivido ao longo de várias gerações de muçulmanos negros escravizados e em regime de trabalho sob contrato nas Américas, evidências atuais sugerem que a prática do islã por muçulmanos escravizados e seus descendentes terminou no século XIX” (p. 90). Entretanto, logo a seguir, ele retoma o assunto abordando a retenção e transmissão nas Américas de elementos islâmicos a outras religiões no século XX, incluindo o

uso da expressão árabe “salam” em rituais *vodou*, a utilização de amuletos, e a presença de palavras em árabe em canções no Peru, Trinidad, Cuba e no estado da Geórgia nos Estados Unidos (p. 91).⁶

A consideração desses elementos como parte do legado islâmico evidencia a posição não essencialista de Chitwood em relação ao islã. Trata-se de uma visão que demarca a pluralidade de práticas cotidianas e símbolos intrínsecos ao islã e em linha com o que Talal Assad e Shahab Ahmed defendem em suas influentes obras.⁷ Do ponto de vista metodológico, a posição do autor é um chamado a investigar o islamismo nas Américas dissociado da caracterização binária que frequentemente o divide entre um “islã ortodoxo”, supostamente mais puro e fiel ao praticado no Oriente e outro “heterodoxo”,

6 No Brasil, artistas como Carlinhos Brown têm utilizado palavras em árabe em suas músicas para reverenciar o legado afro-muçulmano, muitas vezes em relação sincrética com o candomblé da Bahia. É o caso de canções como *Charles Ilê e Muito Obrigado Axé*, dentre outras.

7 Talal Assad, “The idea of an anthropology of Islam”, *Qui parle*, v. 17, n. 2 (2009), pp. 1-30 [doi](#); Shahab Ahmed, “What is Islam?: The importance of being Islamic”, Princeton: Princeton University Press, 2015.

supostamente atravessado por práticas, rituais e objetos emprestados de religiões e culturas não-muçulmanas. Chitwood assenta as bases para que pesquisadores interessados no islã praticado por africanos e seus descendentes nas Américas superem essas definições que, como ele mesmo demonstra no capítulo seguinte, servem mais a disputas sectárias entre grupos islâmicos do que ao esforço intelectual de compreensão da fé islâmica em sua diversidade de crenças e posturas (p. 110).

O capítulo 5 encerra a primeira parte do livro examinando a experiência e o legado dos trabalhadores muçulmanos oriundos da Índia e Indonésia no Caribe, sobretudo em Trinidad e Tobago e no Suriname, em regime de trabalho sob contrato, bem como uma apresentação panorâmica das seis ondas migratórias do Oriente Médio (Síria, Líbano e Palestina) ao continente americano ao longo dos séculos XIX e XX. O capítulo contém duas seções nas quais se discutem manifestações religiosas, como a transferência e adaptação da celebração xiita do martírio de Husayn ibn Ali a contextos locais na Guiana, Jamaica, Suriname e Trinidad (p. 104),

e a experiência de migração, ilustrada pela trajetória de vida de Salim, comerciante palestino nascido em Ramallah que migrou para Jayuya, em Porto Rico, nos anos 1980 (p. 119). Essa estrutura permite que Chitwood aprofunde a sua abordagem do islã nas Américas como uma “religião diaspórica” que transporta e recria tradições no continente em diálogo com o “Islã global” (p. 97).

Contudo, a análise de Chitwood carece de maior atenção ao fator “classe social”. Se, por um lado, entende-se que escravizados afro-muçulmanos e trabalhadores em regime de trabalho sob contrato tenham constituído grupos sociais relativamente uniformes, o mesmo não pode ser dito das famílias árabes que migraram para as Américas ao longo do século XX. Como o autor reconhece, famílias árabes ascenderam socialmente e passaram até mesmo a desempenhar importantes papéis políticos nas repúblicas da América Latina. Surge, então, o questionamento: de que forma a ascensão social e política de famílias árabes impacta a caracterização geral dos muçulmanos como “cidadãos subalternos” na região (p. 122)? Sem análise pormenorizada de dados sociais, conflitos, ou mesmo legislação discriminatória,

torna-se difícil assimilar a subalter-
nidade da maior parte dos muçulmanos
nas Américas, ainda mais quando a
abordagem etnográfica de Chitwood
foca na trajetória de Salim - um
bem-sucedido e respeitado comerciante
muçulmano em Porto Rico.

O capítulo 6 inaugura a parte II da
obra, dedicada à análise de temáticas
relativas à experiência contempo-
rânea de muçulmanos nas Américas.
O capítulo examina a relação entre
produção de carne *halal*⁸ no Brasil e o
Islã global. Chitwood argumenta que o
estudo da economia *halal* nos permite
identificar conexões e tensões trans-
nacionais que envolvem a presença
muçulmana no Brasil, o Oriente Médio
e outros lugares de expressão do islã
(p. 129). No caso de países de minoria
muçulmana, como o Brasil, a expansão
da indústria de produtos *halal* serviria
ainda de base para a promoção de maior
tolerância e reconhecimento dos muçul-
manos como cidadãos plenos (p. 132).
Contudo, dois fatos importantes sobre
a economia *halal* no Brasil escapam
à análise do autor: primeiro, a vincu-
lação de organizações muçulmanas
sediadas no Brasil à economia *halal*.

8 Qualquer carne não proibida pelo Corão ou
Hadith e produzida segundo os preceitos
islâmicos para criação e abate de animais.

Esse é o caso, por exemplo, do Centro
de Divulgação do Islam para América
Latina (CDIAL) e da Federação das
Associações Muçulmanas do Brasil
(FAMBRAS), ambas com sede no
estado de São Paulo e com forte atuação
há décadas no mercado internacional
de certificação de produtos *halal*.⁹ A
atuação dessas organizações põe em
xeque tanto a afirmação, baseada em
Kevin Funk, de que na economia *halal*
“religião e negócio não se misturam”
(p. 140) quanto o suposto desinte-
resse dos muçulmanos ligados a essa
economia no Brasil em “traduzir sua
religião para o contexto local” (p. 141).
O segundo fato é a imigração para o
Brasil de trabalhadores senegaleses
muçulmanos atraídos sobretudo pela
crescente oferta de emprego nos abate-
dours de carne *halal*.¹⁰ Esse fenômeno

9 Vitória Peres de Oliveira, “Islam in
Brazil or the Islam of Brazil?”, *Religião
& Sociedade* v. 2, n. SE (2006), pp. 7-9;
Victor Begeres Bisneto, “Fronts Islamistas
no Brasil: prenúncios de uma radicali-
zação incompleta face ao fundamentalismo
existencial”, Tese (Doutorado em História
Social), Universidade de São Paulo, São
Paulo, 2019, link tese p. 194; Sobre a
CDIAL e a FAMBRAS, ver:  e 

10 Alfa Oumar Diallo, “A migração senegalesa
para o Brasil”, *Entre-Lugar*, v. 12, n. 23
(2021), pp. 185-213; João Carlos Tedesco e
Denize Grzybovski, “Dinâmica migratória
dos senegaleses no norte do Rio Grande
do Sul”, *Revista Brasileira de Estudos de
População*, v. 30 (2013), pp. 317-324, .

migratório diversificou a comunidade muçulmana brasileira e complexifica o cenário apresentado por Chitwood – centrado na presença árabe no Brasil e, portanto, alheio à influência do islã de matriz sufi e das confrarias (*tariqa*), sobretudo a Muridiyya, que marcam a vida religiosa dos imigrantes senegaleses.

Os capítulos 7, 8 e 9 apresentam análises sobre três temas cruciais: o avanço da islamofobia no continente americano, a complexa formação identitária muçulmana entre tsotsis¹¹ no México e a instrumentalização do islã pela Arábia Saudita e Turquia em disputas por maior influência em Cuba. Nesses três capítulos, Chitwood demonstra como a experiência recente dos muçulmanos nas Américas – incluindo a sua estigmatização como “terroristas” (p. 158), conversão e reinvenção local da identidade muçulmana (p. 185) – está tanto ligada a fatores transnacionais e transcontinentais quanto à agência interna de grupos sociais. Desse modo, Chitwood revela que o islã projetado e vivido no continente americano se conecta ao Islã global não apenas via discurso

religioso de organizações internacionais, mas também através de interesses econômicos e políticos de países latino-americanos e aspirações ideológicas de grupos sociais. Ilustram bem esse argumento a identificação de famílias tsotsis, em Chiapas, com as promessas de justiça social de missionários muçulmanos do movimento “murabitun” (p. 195) e a defesa de interesses nacionais pelo estado cubano diante da investida turca e saudita pela hegemonia sunita no país – materializada na disputa pela construção da mesquita *Abdallah* em Havana (p. 216).

O capítulo 10, que encerra a parte II do livro, desenvolve uma análise sobre as características e o papel do discurso histórico formulado pela comunidade latino-muçulmana vivendo nos Estados Unidos durante seu processo de consolidação identitária. Chitwood explica que parte da comunidade latino-muçulmana nos Estados Unidos construiu uma memória sobre si vinculada à história dos muçulmanos árabes da península ibérica com o intuito de se afirmarem “autênticos muçulmanos” (p. 224). A autoafirmação dos latino-muçulmanos como parte da diáspora *andaluz* é relevante não apenas pelo seu sentido histórico, mas também por

11 Membros do povo indígena tsotsil, de origem Maia, e residentes majoritariamente no estado mexicano de Chiapas.

representar a tentativa de construção de uma nova sociabilidade e apropriação de uma identidade híbrida gestada entre as Américas e *Al-Andaluz* (*idem*).

A rica análise de Chitwood nos permite traçar um paralelo entre a identidade híbrida e diaspórica de latinos muçulmanos vivendo nos Estados Unidos e outras comunidades muçulmanas das Américas que também ancoram suas identidades em certos eventos da história do islã no continente. Tenho em mente a comunidade afro-muçulmana que se constituiu em Salvador a partir da fundação do Centro Cultural Islâmico da Bahia em 1992, e que se apresenta como tributária da história dos africanos muçulmanos (malês) escravizados no Brasil.¹² Liderada hoje pelo nigeriano iorubá sheik Ahmad, essa comunidade teve em seus primórdios a participação de afro-brasileiros que abraçaram o islamismo para se reconectar com a cultura africana e se distanciar do catolicismo europeu.¹³ Segundo Chitwood, baseado na pesquisa de Viscidi,¹⁴ muçulmanos

latinos nos Estados Unidos teriam passado por processo semelhante de conversão (p. 234).

No capítulo 11, único capítulo da parte III, o autor encerra a obra recapitulando os seus objetivos centrais e apresentando uma última aspiração: que o seu livro seja mais do que um chamado a estudar a “contribuição” do islã e dos muçulmanos à cultura latino-americana e caribenha ou a “contribuição” caribenha e latino-americana ao “Islã global”. Chitwood espera que esses assuntos sejam tratados como um tema político e de justiça (p. 251). Em geral, *The Muslims of Latin America and the Caribbean* é uma obra robusta, bem estruturada e útil tanto a estudantes universitários quanto a historiadores da América Latina e do Caribe interessados na integração global do continente americano através do islã.

Waldemar Oliveira  

Universidade de Nova Iorque

doi: 10.9771/aa.v0i71.70527

12 Sarno, “Iwalewa”,

13 Wilton Carvalho, “Entrevista concedida à Waldemar Oliveira”, Nova York/Salvador, 3 dez. 2022.

14 Lisa Viscidi, “Latino Muslims a Growing Presence in America”, *Washington Report*

on *Middle East Affairs* (jun. 2003).